

Automedicação em pacientes com odontalgia aguda durante a pandemia da COVID-19

Self-medication in patients with acute toothache during the COVID-19 pandemic: a descriptive and cross-sectional study

Felipe de Souza Duarte¹, Leonardo Oliveira Freitas², Silvio Rocha Correa da Silva³

Duarte FS, Freitas LO, Silva SRC. Automedicação em pacientes com odontalgia aguda durante a pandemia da COVID-19 / *Self-medication in patients with acute toothache during the COVID-19 pandemic: a descriptive and cross-sectional study*. Rev Med (São Paulo). 2023 nov.-dez.;102(6):e-217629.

RESUMO: A pandemia da COVID-19 gerou diversas mudanças nos hábitos e comportamentos da população mundial. Durante o período da pandemia, alguns serviços de atendimento médico estavam fechados e diversas pessoas evitaram ir até estabelecimentos de saúde para eventuais consultas por medo de contraírem a infecção, optando assim por se automedicarem em uma situação de dor. A automedicação é uma prática comum em situações de dores agudas. O presente estudo teve por objetivo avaliar as características e as motivações da automedicação em pacientes que apresentaram dor aguda de origem odontogênica durante o período da pandemia da COVID-19. O estudo do tipo descritivo e transversal foi realizado por meio da aplicação de um questionário digital através da plataforma “Google Forms” com 11 questões objetivas e discursivas, em um processo de amostragem aleatória. Foram analisados os seguintes parâmetros: a) os principais medicamentos utilizados por conta própria em uma situação de dor aguda; b) a quantidade e frequência de uso desses fármacos; c) possíveis reações adversas relatadas pelo uso desses medicamentos. A amostra foi composta por 111 pessoas e por meio dos resultados, inferiu-se que a prática da automedicação ocorreu em maior número em pessoas que possuem ensino superior (42,3%). A queixa principal que levou os pacientes a se automedicarem foram situações de dor de origem endodôntica (45,1%) e a maioria da amostra classificou a dor como sendo de forte intensidade (40,5%). Os principais medicamentos utilizados foram dipirona sódica, paracetamol e nimesulida. Cerca de 48% da amostra não leram a bula antes da ingestão desses fármacos e somente 5,6% deles relataram reações adversas como desconforto gástrico e sonolência. Com base nos resultados supracitados, conclui-se que a prática da automedicação foi alta durante o período observado e deve ser desencorajada por todos os profissionais da saúde, buscando o desenvolvimento de uma consciência social a respeito do tema.

ABSTRACT: The COVID-19 pandemic generated several changes in the habits and behaviors of the world population. During the peak period of the pandemic, many people avoided going to health establishments for possible consultations for fear of contracting the infection, thus opting to self-medicate in a painful situation. Self-medication is a common practice in acute pain situations. The present study aimed to evaluate the characteristics and motivations of self-medication in patients who presented acute pain of odontogenic origin during the COVID-19 pandemic period. The descriptive and cross-sectional study was carried out through the application of a digital questionnaire through the “Google Forms” platform with 11 objective and discursive questions, in a random sampling process. The following parameters were analyzed: a) the main medications used on their own in an acute pain situation; b) the quantity and frequency of use of these drugs; c) possible adverse reactions reported due to the use of these medications. The sample consisted of 111 people and based on the results, it was inferred that the practice of self-medication occurred in greater numbers among people with higher education (42.3%). The main complaint that led patients to self-medicate was pain of endodontic origin (45.1%) and the majority of the sample classified the pain as being of severe intensity (40.5%). The main medications used were sodium dipyrone, paracetamol and nimesulide. Around 48% of the sample did not read the leaflet before taking these drugs and only 5.6% of them reported adverse reactions such as gastric discomfort and drowsiness. Based on the aforementioned results, it is concluded that the practice of self-medication was high during the observed period and should be discouraged by all health professionals, seeking to develop social awareness regarding the topic.

KEY WORDS: Self-medication; Toothache; COVID-19 pandemic.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação; Odontalgia; Terapêutica; Pandemia COVID-19.

1. Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9451-6873>. E-mail: felipeduarte@usp.br.
2. Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). Faculdade de Ciências Farmacêuticas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0778-8393>. E-mail: leoliveira.freitas22@gmail.com
3. Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Faculdade de Odontologia da Universidade de Ribeirão Preto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0227-8896>. E-mail: silvio.rocha.correa@gmail.com.

Endereço para correspondência: Felipe de Souza Duarte. Rua Brasília, 189. Bairro Jardim Bela Vista. Serrana, São Paulo, Brasil. CEP: 14.150-000. E-mail: felipeduarte@usp.br

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 teve início no final de 2019 em Uhan, na China, local onde aconteceu a primeira infecção. Após isso, em todo mundo protocolou-se o distanciamento físico como medida preventiva para frear a velocidade da propagação viral^{1,2}. Com esse fato, diversas mudanças nos hábitos e comportamentos da população mundial foram notadas. Durante o período da pandemia, diversas pessoas evitaram ir até estabelecimentos de saúde para eventuais consultas por medo de contraírem a infecção, optando assim por se automedicarem em uma situação de dor³.

A automedicação pode ser definida como o ato de um indivíduo ingerir um medicamento baseado em sua própria decisão, sem que haja para isso uma orientação ou prescrição profissional, buscando com esse fato o cessar de uma manifestação dolorosa ou sintoma^{3,4}. Essa prática está inserida em um grande contexto sociocultural, principalmente devido ao falho sistema público de saúde, o que leva pacientes a se automedicarem na tentativa de suprir um atendimento médico^{1,3}. Outro agravante é a falta de orientação dos profissionais da saúde para a população, indicando problemas relacionados ao nível primário da atenção básica: a prevenção e promoção da saúde^{3,5}.

O ato de automedicar-se é extremamente perigoso e seus efeitos podem ser danosos ao organismo do indivíduo, acarretando grandes perdas e comprometimento das funções do corpo^{2,4}. Os malefícios gerados por essa prática incluem, principalmente, as reações adversas que o organismo pode apresentar mediante à ação farmacodinâmica do medicamento, uma vez que essas podem ser potencialmente ampliadas a depender da quantidade e da frequência de ingestão desses medicamentos^{4,6}.

No Brasil, essa prática acontece com relativa frequência, já que cerca de 16,1% da população relatou já ter realizado ou ainda continuar se automedicando. Esse número é ainda maior entre mulheres e entre moradores das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste⁷.

Esses dados anteriores tem preocupado as entidades relacionadas à área da saúde. A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem expressado claramente a necessidade de combater-se a prática da automedicação, ressaltando a importância do uso de fármacos somente em situações de necessidade real e sob orientação médica e profissional⁸.

No que se refere à odontologia, os pacientes que se encontram em um quadro de odontalgia aguda também executam a automedicação como forma de sanar a sua dor, fazendo uso de analgésicos e anti-inflamatórios^{10, 11, 12}. Uma das principais razões para isso é o fato de que grande parte da população não possui acesso universal e facilitado ao cirurgião-dentista, postergando a visita através do uso de medicamentos. As razões para esse adiamento variam desde situações de medo e ansiedade até falta de acesso por razões financeiras ou de deslocamento^{4, 13, 14}.

Com o avanço da pandemia em decorrência do COVID-19, o uso indiscriminado de medicamentos e a prática da automedicação aumentou significativamente em nosso país, que viveu um dos piores cenários com relação ao número de mortes e de pessoas internadas¹². Recentes estudos demonstraram um aumento exponencial na prática da automedicação durante o período da pandemia ao redor de todo o mundo, variando entre

7,0 e 88,3%^{1, 15}.

Portanto, faz-se necessário avaliar quais os principais medicamentos envolvidos nesse processo, bem como promover a conscientização quanto ao uso indiscriminado de fármacos e os seus malefícios para a saúde e para o bem-estar geral do indivíduo. Assim, o objetivo do presente estudo foi observar a prática da automedicação em pacientes com odontalgia aguda durante o período da pandemia que no Brasil foi decretado a partir de março de 2020, bem como verificar os principais medicamentos utilizados por conta própria, avaliar a quantidade e frequência de uso desses fármacos pelos pacientes e descrever as possíveis reações adversas relatadas pelos pacientes.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva, transversal, observacional e quantitativa, mediante levantamento de dados primários. Foi realizado por meio da aplicação online de um questionário com perguntas sobre automedicação em pessoas com 18 anos ou mais de idade.

O questionário autoaplicável foi disponibilizado na plataforma Google Forms entre os meses de junho e dezembro de 2020, sendo que convites para o seu preenchimento foram disponibilizados em mídias sociais. A amostra foi de conveniência, pela facilidade de acesso a essas pessoas e, no total, participaram do estudo 111 pessoas.

Na primeira parte do questionário constava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual após a leitura, o indivíduo decidia participar ou não da pesquisa. Em caso afirmativo, seguia-se com as primeiras 4 questões que continham variáveis sociodemográficas com o objetivo de caracterizar os participantes por meio da idade, ocupação e escolaridade. A segunda parte continha 7 questões em que se abordava a prática da automedicação, os principais medicamentos utilizados por conta própria em uma situação de dor aguda; a quantidade e frequência de uso desses fármacos e as possíveis reações adversas relatadas pelo uso desses medicamentos. O questionário foi elaborado pelos autores, baseado em estudos relacionados ao tema.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) (CAAE 14358419.3.0000.5498).

Antes da aplicação definitiva, foi realizado pré-teste em população similar à de estudo para alteração e/ou adequação das perguntas aos objetivos do estudo.

Os dados foram analisados por meio do programa SPSS versão 17.0. Foi realizada estatística descritiva e os resultados foram expressos em tabelas com a distribuição de frequência em números absolutos e percentuais. Também foi verificada a associação entre a automedicação e variáveis sociais e demográficas, por meio do teste qui-quadrado de Pearson com nível de significância de 5%.

RESULTADOS

Participaram do estudo 111 pessoas, com idade média de 36,9 anos ($\pm 13,7$), sendo a menor idade 18 anos e a maior 78

anos. A maioria dos participantes (82,9%) era do sexo feminino, 58,6% tinham o ensino superior, 36,9% o ensino médio e 4,5% o ensino fundamental. Trabalhavam no momento da coleta dos dados, 63,1% dos participantes.

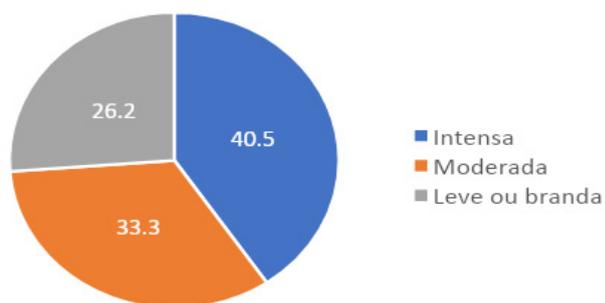
Questionados se procuraram um dentista em razão de dor nos últimos 3 meses, 88,3% responderam que sim. A queixa principal foi a dor de origem endodôntica conforme mostra a Tabela 1. A classificação da intensidade da dor é mostrada na Figura 1.

Tabela 1 - Distribuição das respostas dos participantes da pesquisa sobre a origem da dor.

| Origem da dor | Frequência | % |
|--------------------------------------|------------|-------|
| Endodôntica | 50 | 45,1 |
| Desconhecida | 22 | 19,8 |
| Periodontal | 12 | 10,8 |
| Terceiro molar (erupção ou extração) | 11 | 9,9 |
| DTM | 2 | 1,8 |
| Outros | 14 | 12,6 |
| Total | 111 | 100,0 |

Fonte: Autores, 2023.

Figura 1 - Distribuição percentual da intensidade da dor.



Fonte: Autores, 2023.

Entre as pessoas que tomaram medicamentos para combater a dor, apenas 30,6% leram a bula do medicamento escolhido antes de sua ingestão e a frequência da ingestão desses medicamentos está descrita na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2 - Distribuição de frequência de ingestão dos medicamentos nos casos de dor.

| | Frequência | % |
|-------------------|------------|-------|
| De 6 em 6 horas | 30 | 27,0 |
| De 8 em 8 horas | 31 | 27,9 |
| De 12 em 12 horas | 16 | 14,4 |
| De 24 em 24 horas | 7 | 6,3 |
| Outros | 6 | 5,5 |
| Não utilizou | 21 | 18,9 |
| Total | 111 | 100,0 |

Fonte: Autores, 2023.

Do total de participantes, 78 (70,3%) relataram a ingestão de algum medicamento por conta própria.

A Tabela 3 mostra que a dipirona (45,8%) e o paracetamol (16,7%) eram os princípios ativos da maioria dos medicamentos utilizados.

Tabela 3 - Distribuição de frequência dos princípios ativos dos medicamentos mais utilizados pelos participantes.

| Princípio ativo | N | % |
|-----------------|----|------|
| Dipirona | 44 | 45,8 |
| Paracetamol | 16 | 16,7 |
| Nimesulida | 14 | 14,6 |
| Ibuprofeno | 6 | 6,2 |
| Diclofenaco | 5 | 5,2 |
| Amoxicilina | 4 | 4,1 |
| Cetoprofeno | 3 | 3,1 |
| Tramal | 2 | 2,1 |
| Aceclofenaco | 1 | 1,1 |
| Codeína | 1 | 1,1 |

Fonte: Autores, 2023.

Declararam não ter nenhuma reação adversa após a ingestão do medicamento 96,4% dos participantes e as mais sentidas foram dor no estômago, cefaleia e sonolência.

Os resultados foram analisados de acordo com a automedicação ou não dos participantes e a Tabela 4, a seguir, mostra os principais resultados dessa comparação.

Tabela 4 - Comparação entre os pacientes que praticaram a automedicação e fatores demográficos e sociais.

| | | Automedicação | | p* |
|--------------------|-------------------------|---------------|-----|---------|
| | | Sim | Não | |
| Sexo | Feminino | 66 | 26 | 0,0456* |
| | Masculino | 12 | 7 | |
| Idade | ≤ 37 anos | 34 | 24 | 0,005* |
| | > 37 anos | 44 | 9 | |
| Escolaridade | Ensino Fundamental | 4 | 1 | 0,691 |
| | Ensino Médio | 27 | 14 | |
| | Ensino superior | 47 | 18 | |
| Ocupação | Empregado/trabalhando | 52 | 18 | 0,227 |
| | Desempregado/aposentado | 26 | 15 | |
| Intensidade da dor | Intensa | 40 | 18 | 0,000* |
| | Moderada | 27 | 10 | |
| | Leve, branda | 11 | 5 | |
| Leu a bula | Sim | 24 | 10 | 0,961 |
| | Não | 54 | 23 | |

* Teste Qui-quadrado de Pearson e Teste Exato de Fischer. p<0,05

Fonte: Autores, 2023.

DISCUSSÃO

A automedicação no Brasil é praticada por grande parte da população e com a popularização da internet e a facilidade

do acesso à informação, apresenta uma grande tendência de crescimento nos últimos anos. Um estudo produzido no Brasil por Schmid et. al.¹⁶ analisou dados de um inquérito populacional da cidade de São Paulo, contando com 3.226 indivíduos divididos em dois domínios, favela e não favela. Como resultado, verificaram que a prática da automedicação na amostra estudada variava de 27 a 32% e que o uso irracional de medicamentos estava muito ligado à morbidade aguda dos indivíduos e o acesso ao medicamento pela compra. Outro estudo demonstrou que em nosso país cerca de 16% da população já se automedicou ou ainda se “automedica” e que mais mulheres do que homens praticam a automedicação⁹. Esses dados corroboram com esse presente estudo, em que se verificou que a prática da automedicação foi crescente de acordo com o sexo, sendo mais prevalente nas mulheres (82,9%).

Com o avanço da pandemia da COVID-19, houve um aumento significativo nos números da prática da automedicação ao redor de todo o mundo^{1,15}. Grande parte das pessoas que tomaram medicamentos sem orientação profissional buscavam amenizar a sintomatologia dolorosa sem precisar buscar atendimento em hospitais ou ainda se prevenir da infecção viral¹⁵.

Um levantamento realizado pelo Conselho Federal de Farmácia demonstrou como o medo de contrair COVID-19 impactou na venda de medicamentos durante o período de janeiro a março de 2020 em comparação ao mesmo período de 2019. O consumo de ácido ascórbico ou vitamina C, conhecido por seu suposto “efeito preventivo” contra o COVID-19 aumentou em 180,01%, seguido pela hidroxicloroquina que apresentou alta de 67,93% nas vendas²².

A *internet*, apesar de muito útil para a divulgação de informações verdadeiras sobre a pandemia, também se tornou um campo para especulações e opiniões sem fundamentação científica, o que impulsionou o compartilhamento de notícias falsas sobre medicações preventivas e para o tratamento da COVID-19^{23,24}.

Em um estudo de caráter descritivo e transversal realizado anteriormente a pandemia, o objetivo era avaliar a prática da automedicação em pacientes com odontalgia. No mesmo, mais da metade dos indivíduos participantes possuíam ensino fundamental incompleto (65%) e renda menor que um salário-mínimo (93%)⁵. No entanto, de acordo com a amostra do presente trabalho, o nível de escolaridade não influencia na prática da automedicação, visto que 58,6% dos indivíduos da amostra possuem formação em Ensino Superior. O acesso facilitado às informações por meio da *internet* e a grande disponibilidade dos medicamentos podem ser fatores que contribuíram para esses achados.

Os fármacos mais utilizados sem a prescrição profissional são, de acordo com um estudo de Loyola et. al analgésicos, antiespasmódicos e antidiarreicos¹⁸. Em um estudo de Arrais⁹, analgésicos e relaxantes musculares encabeçavam o *ranking* de medicações mais comumente utilizadas, sendo a dipirona a medicação mais consumida pelos brasileiros. No estudo de Schmid et. al.¹⁶, os fármacos mais utilizados foram aqueles que atuam no sistema nervoso central. Todos esses dados vão de encontro aqueles encontrados no presente estudo. Os fármacos mais utilizados pelas amostras avaliadas incluem analgésicos,

anti-inflamatórios e antibióticos, ainda que os últimos necessitem de receita para serem adquiridos.

Um estudo transversal buscou delimitar um perfil dos medicamentos utilizados por idosos que se automedicavam. Cerca de 80,5% dos idosos estudados praticavam a automedicação e os fármacos mais recorrentemente utilizados foram relaxantes musculares, analgésicos e antipiréticos¹⁹. Esses dados corroboram com os achados desse presente estudo, uma vez que a maior taxa de prevalência da automedicação está entre os pacientes acima de 37 anos (42,3%) e entre aqueles que classificaram a dor como intensa (40,5%), sendo estes resultados estatisticamente significantes.

Em um estudo realizado por Tomasini et. al.²⁰ tendo como amostra estudantes universitários, concluiu-se que 65% dos estudantes faziam a leitura da bula antes da ingestão, o que foi um número bastante relevante e significativo. No presente estudo, apesar da maioria dos indivíduos possuírem ensino superior completo, apenas 30,6% deles relataram ler lido a bula antes da ingestão dos medicamentos. Um consenso dos autores acredita que uma hipótese para a grande abstenção da leitura da bula se deve ao fato de que a dipirona e o paracetamol, medicamentos mais citados no estudo, são medicamentos comumente utilizados em situações de dores, de fácil acesso e vendidos, também em embalagens “blister”, ou seja, um envase transparente que não acompanham bula, o que impede a sua leitura.

Berreni et. al.²¹ desenvolveram um trabalho que buscou avaliar as principais reações adversas relacionadas à prática da automedicação em um total de 12.365 notificações registradas entre 2008 e 2014. De acordo com os autores, três quartos das reações notificadas foram consideradas graves. As principais delas incluíam desordens gastrointestinais e neuropsiquiátricas, sendo que os medicamentos utilizados com maior frequência eram anti-inflamatórios não estereoidais, benzodiazepínicos e analgésicos. No presente estudo, um pequeno número de indivíduos relatou sentir algum tipo de reação adversa após ingerir a medicação por conta própria. Esse número representa cerca de 3,6% e as principais reações foram sonolência e desconforto gástrico.

As limitações do presente estudo incluem o uso de uma amostra de conveniência e o total de participantes restritos. A coleta de dados *online* também pode ter sido uma limitação, uma vez que exclui determinados grupos populacionais sem acesso a *internet* e pode ser considerado como um viés de seleção. O desconhecimento ou a dificuldade dos pacientes para a identificar a real origem da dor deve ser levado em conta. Ainda assim, os achados do mesmo são de extrema relevância para a comunidade científica, de forma que os conhecimentos adquiridos por meio dele podem influenciar positivamente no cenário da prática da automedicação no país, uma vez que trás uma observação a respeito das práticas mais comuns relacionadas ao tema durante um período crítico para a sociedade, auxiliando as autoridades de saúde no desenvolvimento de práticas e medidas para frear a automedicação no cenário pós-pandemia.

Por fim, outros estudos devem ser realizados e novas pesquisas vinculadas a esse tema devem ser iniciadas, com o objetivo de entender quais impactos o uso indiscriminado de medicamentos durante esse período pode ter acarretado,

revertendo seus achados em benefícios efetivos para a população.

CONCLUSÕES

Com base nos achados do presente estudo, infere-se que a automedicação tem sido uma prática crescente, facilitada pela maior difusão do conhecimento e do acesso à informação. No

contexto da pandemia, essa questão agravou-se ainda mais em decorrência do isolamento social e do temor em consultar-se com um profissional da saúde. A mesma deve ser desencorajada através da disseminação de informações que ressaltem os riscos e malefícios dessa prática, buscando o desenvolvimento de uma consciência social a respeito do tema.

Participação de cada autor: Felipe de Souza Duarte: escrita da introdução, resultados, referências e formatação geral. Leonardo Oliveira Freitas: escrita da discussão e auxílio na análise dos resultados dos fármacos utilizados apresentados no estudo. Silvio Rocha Correa da Silva: delineamento e idealização do estudo, material e métodos, análise estatística e orientação do trabalho.

REFERÊNCIAS

- Baracaldo-Santamaría D, Pabón-Londoño S, Rojas-Rodríguez LC. Drug safety of frequently used drugs and substances for self-medication in COVID-19. *Ther Adv Drug Safety*. 2022; 21(13). Doi: <https://doi.org/10.1177/20420986221094141>.
- Organização Pan-Americana de Saúde (2022). Folha informativa sobre COVID-19. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 02/10/2023.
- Jesus APGAS, Yoshida NCP, Freitas JGA. Prevalência da automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina, enfermagem e odontologia. *Estudos*. 2013;40(2):151-64. Doi: <https://doi.org/10.18224/est.v40i2.2718>.
- Alves WA, Furtado KKFA, Silva DF, Sousa JNL, Albuquerque ACL. Automedicação frente à odontalgia: revisão de literatura. *Rev Saúde Ciênc (Online)*. 2018;7(3):77-89. Doi: <https://doi.org/10.35572/rsc.v7i3.143>.
- Souza CS, Marques LARV, Aguiar MGL, Fernandes RMT. A frequência da automedicação por pacientes em atendimento odontológico de urgência na atenção básica. *Saúde (Santa Maria)*. 2017;43(3):1-7. Doi: <https://doi.org/10.5902/2236583423194>.
- Naves JOS, Castro LLC, Carvalho, CCM, Merchan-Hamman E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciênc Saúde Colet*. 2010;15(1):1751-62. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700087>.
- Arrais PSD, Fernandes MEP, Dal Pizzol TS, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Rev Saude Publica*. 2015;50(2):13s. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>.
- World Health Organization. (1998). The Role of the pharmacist in self-care and self-medication: report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist, The Hague, The Netherlands, 26-28 August 1998. World Health Organization. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/65860?&locale-attribute=ru>. Acesso em: 16/10/2023.
- Arrais PSD, Fernandes MEP, Dal Pizzol TS, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, Tavares NUL, Farias MR, Oliveira MA, Bertoldi AD. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Rev Saude Publica*. 2015;50(2):13s. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>.
- Tamietti MB. Fatores associados à automedicação em um serviço brasileiro de emergência odontológica. *Pesqui. Bras Odontopediatria*. 2012;12(1):65-9. Doi: <https://doi.org/10.4034/PBOCI.2012.121.10>.
- Olivera JVL, Costa FB, Porfirio VN, Silva MMM, Cunha ABOC, Silva NC, et al. A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. *Res Soc Develop*. 2021;10(3):1-11. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13762>.
- Lopes APS, Tomba MZM, Ferreira LB, Simonato LE, Ramos RR. Tendência da Prática de Automedicação entre Universitários do Curso de Odontologia na Universidade Brasil. *Arch Health Invest*. 2022;11(2):325-31. Doi: <https://doi.org/10.21270/archi.v11i2.5264>.
- Costa RSM, Ribeiro SN, Cabral ED. Fatores determinantes de experiência dolorosa durante atendimento odontológico. *Rev Dor*. 2012;13(4): 365-70. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1806-00132012000400011>.
- Azevedo FHC, Fontenele JCB, Miranda, GL. Fatores associados à automedicação de pacientes atendidos em um consultório odontológico no município de Piracuruca/PI. *Rev Interdisc*. 2014;7:83-90. <https://www.redalyc.org/pdf/637/63723468010.pdf>. Acesso em: 20/09/2023.
- Zheng Y, Liu J, Tang PK, Hu H, Ung COL. A systematic review of self-medication practice during the COVID-19 pandemic: implications for pharmacy practice in supporting public health measures. *Front Public Health*. 2023;11: 1184882. Doi: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2023.1184882>.
- Schmid B, Bernal R, Silva NN. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. *Rev Saúde Públ*. 2019;44(6):1039-45. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000600008>.
- Melo JRR, Duarte EC, Moraes MV, Fleck K, Arrais PSD. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cad Saúde Pública*. 2021;37(4):e00053221. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00053221>.
- Loyola Filho AI, Uchoa E, Guerra HL, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev Saúde Pública*. 2002;36(1):55-62. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-307445>. 20/09/2023.
- Oliveira SBV, Barroso SCC, Bicalho MAC, Reis AMM. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. *Einstein (São Paulo)*. 2018;16(4):eAO4372. Doi: https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2018AO4372.
- Tomasini AA, Ferraes AMB, Santos JS. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. *Biosaúde*. 2015;17(1):1-12. <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/>

biosaude/article/view/25285.

21. Berreni A, Montrastuc F, Bondon-Guitton E, Rosseau V, Abadie D, Durrieu G, et. al. Adverse drug reactions to self-medication: a study in a pharmacovigilance database. *Fund Clin Pharmacol.* 2015;29(5):517-20. Doi: <https://doi.org/10.1111/fcp.12140>.

22. Conselho Federal de Farmácia - Brasil - Notícia: 30/04/2020 - Levantamento mostra como o medo da COVID-19 impactou venda de medicamentos [Internet]. Cff.org.br. 2020. <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=5747>. Acesso em: 20/09/2023.

23. Guimarães AS, Carvalho WRG. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. *Inter Am J Med Health.* 2020;3:e202003053. Doi: <https://doi.org/10.31005/iajmh.v3i0.147>.

24. Júnior JHS, Raasch M, Soares JC, Ribeiro LVHAS. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. *Cadernos Prospecção – Salvador.* 2020;13:331-46. Doi: <https://doi.org/10.9771/cp.v13i2.35978>.

Recebido: 24.10.2023

Aceito: 21.12.2023